

Resiliência: Enfrentando problemas e apontando soluções

Emanuel Verçosa (UERJ) – [elefante902@yahoo.com.br](mailto:elefante902@yahoo.com.br)

Magna Domingues (UERJ) – [maggna@gmail.com](mailto:maggna@gmail.com)

Taíssa Daltro (UERJ) – [tata.taty@yahoo.com.br](mailto:tata.taty@yahoo.com.br)

Tatiana Figueiredo (UERJ) – [titafigueiredo@gmail.com](mailto:titafigueiredo@gmail.com)

Telma Maria Dias Vieira (UERJ) – [telmadv@gmail.com](mailto:telmadv@gmail.com)

## **Resumo**

Considerando a realidade social de nosso país, percebemos que inúmeros são os brasileiros que passam por dificuldades e hostilidades como preconceitos de diferentes espécies, baixo poder aquisitivo e difícil acesso a bens culturais. Mesmo diante de tantos problemas, o Brasil está repleto de pessoas que superaram dificuldades de todas as naturezas, enfrentaram conflitos psicossociais e culturais e se destacaram enquanto cidadãos. Este trabalho baseia-se no conceito de resiliência enquanto fator de proteção e construção de subjetividade para analisar os resultados do trabalho do “Projeto Conexão”. Este tem como foco de trabalho jovens de 15 a 30 anos e sua missão é capacitar, inserir e acompanhar esses jovens no mercado de trabalho de forma voluntária e gratuita, desenvolvendo sua cidadania, a inclusão digital e a formação profissionalizante e empreendedora, por meio de uma rede de cerca de 240 empresas parceiras e alianças estratégicas com gestão profissional. Desde sua fundação, há três anos, conta com cerca de 7527 jovens cadastrados, 827 jovens contratados, 2156 jovens capacitados, 16 empreendimentos apoiados e 22 voluntários, atuando no Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, pretendendo se estender para outros estados do Brasil. Nela, moradores de comunidades carentes e de bairros afastados dos centros urbanos são preparados, capacitados e encaminhados para o mercado de trabalho. Através da empregabilidade e do desenvolvimento profissional por meio da orientação prática para o trabalho, da educação vivencial, do mapeamento de competências e capacitação especializada (são os pontos fortes do projeto), possui também um banco de talentos, com acompanhamento pós-contratação durante um ano, o que fornece uma base de dados estatísticos a ser estudada.

Realizamos alguns estudos de caso para identificar os fatores que contribuem para a resiliência das pessoas atendidas. Há muitos bons exemplos de jovens que começaram a trabalhar através do Conexão e em pouco tempo galgaram promoções e alcançaram cargos de gerência ou casos de jovens que já estavam envolvidos com o tráfico e que vislumbraram uma vida nova através dos cursos oferecidos, conseguindo dar a volta por cima e hoje estão trabalhando, seguindo assim uma vida socialmente respeitada. Buscamos com essa análise estimular as reflexões entre os psicólogos como promotores de resiliência, contribuindo assim para o desenvolvimento pleno de indivíduos em nossa sociedade.

## **Introdução**

O trabalho realizado por um projeto social nos instigou a pensar sobre resiliência e redes sociais. Vivemos num país de pirâmides invertidas (Kruppa, 1994) onde a maior parte da população vive com pouco ou nenhum tipo de acesso à educação e aos bens culturais, realidade esta que resulta em baixo poder aquisitivo e precárias condições de vida, alimentação, saúde e lazer. A carência nos grandes centros urbanos parece ser ainda mais cruel. Neste ambiente o mercado de trabalho é ainda mais competitivo, o custo de vida é muito mais alto, as exigências são maiores e a apelação da mídia para estimular o consumo desenfreado e inconsciente formam um quadro de sofrimento.

Sem educação, trabalho, dinheiro, políticas públicas ou qualquer tipo de apoio governamental, as pessoas se vêem numa realidade que é praticamente um convite à conformidade ou à depressão.

Felizmente, em meio a este caos, existem casos de superação e que se destacam, falamos de resiliência, pessoas que mesmo em meio a dificuldades financeiras, perigos constantes, baixa escolaridade, sub-moradia, subalimentação, dentre outros conflitos, estão dispostas a mudar de vida e alcançar um futuro mais digno, através de uma oportunidade de emprego. A história exemplifica brilhantemente inúmeros casos de resiliência, como no caso do musicista Beethoven que compôs parte de suas obras-primas sofrendo de total surdez, ou como no caso da maior representação do período Barroco nas artes no Brasil, Aleijadinho que mesmo paralisado e sem os dois braços não foi impedido de produzir centenas de obras de arte.

Neste trabalho apresentamos o projeto Conexão como um pólo de incentivo e promoção de resiliência. Numa atmosfera social tão crítica, a iniciativa deste projeto visa capacitar, preparar e encaminhar jovens de comunidades carentes para o mercado de trabalho, na maioria das vezes, dando um novo sentido a suas vidas. Sendo assim um fator externo que influencia diretamente os conceitos internos através da ressignificação de suas experiências e da percepção de sua realidade.

No caso do projeto Conexão há uma intervenção no contexto de jovens carentes e a ressignificação de experiências traumáticas visando a mudança, principalmente, de condições de vida, abrindo um leque de possibilidades que na verdade sempre estiveram ali, mas ainda não haviam sido visualizadas e exploradas.

Nossa proposta visa analisar este trabalho social, considerando uma visão de homem repleto de possibilidades, porém nem sempre com oportunidades para a mudança de posicionamento perante a vida.

### **1. O que é resiliência?**

Nos dias atuais a resiliência vem sendo referida como processos que explicam a superação de crises e adversidades em grupos, organizações e indivíduos nas ciências humanas e sociais. Para entender tal fato, é preciso voltar à origem da palavra, que foi criada no século XVIII pelos físicos com o intuito de classificar materiais que possuem a característica de passar por alguma forma de estresse e, findo este, voltar ao estado normal, usando assim uma palavra em latim que significa literalmente “voltar saltando” ou “saltar por cima”. Este conceito foi então se propagando para outras áreas, porém sempre associando a materiais com determinada flexibilidade ou maleabilidade, como por exemplo, elástico, borracha dentre outros.

Só após a segunda metade do século XX, o termo então foi adotado pela psicologia para representar pessoas que tinham a capacidade de passar por dificuldades ou crises, superá-las e voltar a ter uma vida equilibrada dentro do contexto social. Alguns psicólogos tendem a afirmar que o conceito não é novo, pois a teoria do trauma de Sigmund Freud já previa, em muitos casos, a capacidade de superação de algumas pessoas. Porém é preciso ressaltar que o termo até hoje é usado quase como sinônimo de flexibilidade e não de invulnerabilidade, onde esta última dá uma idéia de não transpor o problema e sim de resistir ao mesmo, o que nem sempre acontece quando se trata de seres humanos. Sendo assim, o conceito de resiliência se desenvolveu, basicamente, em três fases: inicialmente, esteve associado ao conceito de vulnerabilidade; depois, com a capacidade de resistir à afronta; e por último, a denominação foi adotada para identificar pessoas com capacidade de construção positiva frente à adversidade. Tendo em visão o aspecto meio-ambiente, resiliência seria a capacidade de passar por processos adaptativos nos cursos de vida, visando a auto proteção de riscos relacionados aos eventos da vida, ou ainda posturas que visam proteger o indivíduo de eventos estressantes. Segundo Yunes (2003), a resiliência é um conceito dentro da psicologia positiva, ou seja, um movimento da psicologia que visa provocar nos psicólogos uma visão mais aberta dos potenciais e das capacidades humanas. Revelam que a palavra risco tem conotação negativa, e a resiliência, pelo contrário, tem conotação positiva. Para as autoras, “o risco e todas as espécies de estressores sempre se fizeram presentes em qualquer tempo e lugar”, e, além disso, os fatores de risco relacionam-se com toda sorte de eventos negativos da vida. Deste modo, a presença do risco aumenta a probabilidade de o indivíduo apresentar problemas físicos, sociais ou emocionais. Por isso é necessário o conhecimento dos processos ou mecanismos de risco para que se possa ter a dimensão da diversidade de respostas que podem ser observadas, quando se trata, sobretudo, de riscos psicossociais ou riscos socioculturais. A resiliência não é um processo de proteção que elimina o risco, mas serve para encorajar o indivíduo a, efetivamente, se engajar na situação de risco. Vulnerabilidade também é um conceito importante para o entendimento da resiliência. Observa-se que esse é um termo geralmente usado para referir-se à predisposição a desordens ou à susceptibilidade ao estresse. Em relação à resiliência, a vulnerabilidade é utilizada para definir as susceptibilidades psicológicas individuais que potencializam os efeitos estressores e impedem uma reação adequada e satisfatória ao estresse. O conceito de vulnerabilidade é diferente do conceito de risco, e que esta diferença se revela tanto na ênfase como na origem do uso dos mesmos. Vulnerabilidade envolve, além de predisposições genéticas, auto-estima baixa, depressão, traços de personalidade e práticas educativas familiares ineficazes. No que se refere ao estresse, a ocorrência depende da percepção que o indivíduo tem do evento estressor e da interpretação e sentido a ele atribuído. Desse modo, ressaltam que uma mesma situação de vida experienciada por um indivíduo como perigo, pode ser percebida por outro como um desafio. Porém, assim como acontece com o conceito de risco, o de estresse também se refere às experiências de vida negativas, quando colocadas no contexto da resiliência. Estresse pode ser tanto uma reação rápida quanto um processo longo, que emerge vagarosamente no decorrer do tempo, certas vezes sem que os indivíduos tenham sequer consciência do acontecimento. Em relação a isso, Barlach (2005) revela que uma situação potencialmente ameaçadora ao bem-estar do indivíduo pode ser por ele avaliada de forma primária ou secundária. Na forma primária, ele qualifica o evento estressor em relação ao benefício, dano ou perda, ameaça e desafio, e diz respeito ao risco potencial ao seu bem-estar. Na forma secundária ele avalia a expectativa de eficácia ou intenção de executar um comportamento de resposta; a expectativa de resultados ou crença

de que determinado comportamento produzirá o resultado desejado; a expectativa de estímulos, que diz respeito à ocorrência de eventos externos reforçadores; e a expectativa de resposta ou crença sobre recompensas ou reações internas a eventos. Para se entender melhor a resiliência, é necessário também discutir o que são buffers. São fatores de proteção, definidos por Rutter (1985) como influências que modificam, melhoram ou alteram a resposta de uma pessoa a algum risco ambiental que predispõe a uma consequência não adaptativa. O autor coloca que o fator protetor não precisa necessariamente estar associado com situações positivas ou benéficas, e faz essa diferenciação sob três aspectos. O primeiro aspecto é que um fator protetor não resulta necessariamente em um sucesso agradável. Muitas vezes a maneira com a qual nos protegemos de um fator estressor não nos livra da existência do mesmo. O segundo aspecto é que os fatores protetores estão associados a uma interação. Assim, experiências positivas atuam de maneira direta, predispondo em resultado adaptativo. O terceiro e último aspecto é que o fator protetor pode não ser entendido como uma experiência, mas como qualidades do indivíduo como pessoa. Em meio a esses conceitos, buscamos relacionar a teoria com a prática, o que nos faz visualizar melhor como a resiliência é um processo interior que colocamos em prática através da busca do bem estar e a reestruturação física e psicológica.

## **2. Projeto Conexão: Um exemplo de resiliência na prática**

Ao longo dos últimos dez meses, observamos o trabalho do Projeto Conexão que funciona como um pólo de incentivo e promotor de resiliência entre jovens de comunidades carentes e em situação de vulnerabilidade social. O projeto é uma parceria de duas instituições, com identidade e trabalho reconhecidos no terceiro setor brasileiro e latino-americano: o CDI – Comitê para a Democratização da Informática e a Rede Cidadã. Juntos decidiram desenvolver uma rede de geração de trabalho e renda que oferecesse mais oportunidade e dignidade a jovens de segmentos sociais de baixa renda: O projeto atende 38 comunidades, distribuídas em três cidades do Sudeste: Rio de Janeiro (17), São Paulo (8) e Belo Horizonte (13) e possui duas linhas de atuação do que estão centradas em dois eixos: inserção de jovens no mercado de trabalho (empregabilidade) e desenvolvimento de empreendedores (empreendedorismo) e vem capacitando, inserindo e acompanhando jovens no mercado de trabalho, desenvolvendo a sua cidadania, a inclusão digital e a formação profissional e empreendedora, por meio de uma rede de parceiros e alianças estratégicas com gestão profissional e foco em resultados.

O projeto é voltado a jovens e adultos, de 15 a 30 anos, ampliando um pouco para 35/45 anos, com 2º grau completo ou cursando (em alguns casos aceitando o ensino fundamental completo) e potenciais empreendedores. Vale destacar que para cada faixa etária é definida uma estratégia de intervenção, mas, independentemente disso, cada integrante do Conexão deve estar consciente de seus deveres e desafios, e dispostos a investir em sua formação e crescimento profissional, valorizando as oportunidades. E é necessário que ele faça um cadastro completo com o preenchimento de uma ficha de inscrição onde são coletados dados pessoais, profissionais, acadêmicos e sócio-econômicos. Mas é fundamental que o interesse em investir no futuro e o compromisso com o projeto partam do próprio jovem e empreendedor a quem o projeto deseja contemplar.

A próxima etapa da metodologia é uma prova de nivelamento que consiste em 10 questões de Língua Portuguesa, 10 questões de Matemática e uma pequena redação onde o jovem pode escrever sobre: "Quem sou eu", "O que eu quero" e "O que eu espero do futuro". Em seguida, os jovens realizam um teste de mapeamento de competências denominado

IRISKON, que faz uma avaliação de habilidades e capacidade produtiva. Há ainda palestras motivacionais, processos seletivos simulados e dinâmicas de grupo, preparando o jovem para a árdua jornada que é buscar um emprego, principalmente o primeiro. O projeto oferece ainda um curso de Orientação Profissional Prática onde esclarece dúvidas e orienta o jovem sobre comportamento ético, postura e imagem profissional, um curso de educação financeira básica, denominado Investir Vale a Pena, cursos profissionalizantes de secretária e recepcionista, operador de telemarketing, Office-boy e Office-girl e um Curso de Informática e Cidadania que oferece as primeiras temáticas essenciais para que os jovens reflitam, debatam e iniciem um processo de preparação para o mundo do trabalho, todos ministrados por profissionais qualificados que atuam voluntariamente.

Uma vez aplicada a metodologia completa, totalmente gratuita, o jovem está preparado para ser inserido no mercado de trabalho. Das parcerias com grandes empresas, também inteiramente grátis, surgem as vagas de emprego onde são aproveitados esses jovens que foram preparados e capacitados pelo projeto de acordo com o perfil da empresa e em consonância com o perfil do candidato.

O projeto foi criado em setembro de 2007 e desde então vem funcionando como um promotor de resiliência, proporcionando o desenvolvimento de superação das adversidades encontradas na trajetória das vidas desses jovens. Nas três capitais onde atua, o trabalho de cadastramento, orientação, aconselhamento, capacitação, recrutamento e seleção desses jovens é feito por um coordenador, dois assistentes e três estagiários.

Muitos jovens buscam emprego durante meses sem sucesso e sobrevivem do mercado informal, de pequenos "bicos" ou subempregos, uma vez que não possuem escolaridade e/ou não sabem se comportar numa entrevista ou numa dinâmica de grupo. A grande maioria não se expressa com clareza, utilizando vícios de linguagem, vocabulário impróprio e incorreto e muitas gírias para se comunicar, o que dificulta a sua aceitação no mercado formal. Apesar de possuírem formação de ensino médio completo, o conhecimento de mundo e as habilidades lógico-matemáticas, assim como o conhecimento básico da Língua portuguesa e a interpretação de textos simples é muito deficiente, acarretando em notas geralmente baixas nas provas. Quando isso é detectado, o projeto encaminha esses jovens pra reciclagens do ensino médio ou para aulas de reforço e isso eleva bastante a auto-estima deles. Muitos desistem sem ao menos tentar, principalmente os mais velhos, que alegam "já terem passado da época de estudar" e que se for preciso voltar a estudar para conseguir um emprego, preferem continuar nos "bicos" ou como ambulantes, porque ganham muito mais do que como funcionário formal de uma empresa, de carteira assinada, mas recebendo salário mínimo mais os descontos. Passar por toda a metodologia do projeto, para eles é perda de tempo ou muito trabalhoso. Uma jovem de Imbariê/RJ nem chegou a fazer as provas, dizendo que "em casa de família ou vendendo doces no trem, ganho muito mais e ninguém exige de mim escolaridade, nem tenho que fazer nenhuma prova".

Alguns jovens não comparecem aos processos seletivos para os quais foram encaminhados nas empresas e constatou-se que a maioria, não vai porque não têm o dinheiro da passagem ou dinheiro para se alimentar, uma vez que alguns processos seletivos duram um dia inteiro. Houve diversas ligações telefônicas, justificando a ausência nesses processos, e em alguns casos os jovens relataram que não puderam sair da comunidade em virtude de incursões policiais e como consequência disso, intenso tiroteio, impossibilitando assim a saída deles para o compromisso. Muitas mães não buscam emprego porque não têm com quem deixar seus filhos, algumas até tentam, mas não conseguem mantê-lo porque pagar alguém para cuidar de seus filhos está além das condições do salário que recebem. Há um

índice muito alto de jovens que ingressam em empregos formais e desistem, voltando para a informalidade ou que preferem ficar em casa ou então encontram alternativas de ganhar a vida. Há ainda a dificuldade em conciliar o estudo com o trabalho e isso desestimula os jovens. A distância dos grandes centros, onde estão a maioria das vagas são oferecidas também é um forte motivo para desencorajar os candidatos, porque eles tem de acordar muito cedo e enfrentar meios de transportes lotados, além do preço da passagem ser muito alto e às vezes têm de fazer uso de duas ou três conduções para chegar ao trabalho. Inúmeros são os motivos para se acomodar e desistir. Mas nem todos desistem e apesar dos abandonos, os números do projeto são bastante significativos, pois durante os anos de atuação, cadastrou 14.060 jovens e adultos, capacitou 9.933, contratou 2.332 e apoiou 74 empreendimentos nas três capitais. (Dados atualizados)

Lacomte (2000) afirma que não se é resiliente sozinho. Há pelo menos dois fundamentos essenciais do processo de resiliência: o elo e o sentido. Ele define o elo como um processo interpessoal e o sentido como processo intrapsíquico. O elo é o apoio humano que é essencial na reconstrução. Pode provir da família, dos amigos, de profissionais, ou de um projeto social, como no caso do Conexão. O essencial é que esse elo manifeste uma atitude acolhedora, sensível, empática com o indivíduo em sofrimento. O sentido seria uma maneira de transformar o sofrimento em algo útil, para o indivíduo e para os outros e um bom exemplo acontece nos casos em que um pai perde seu filho e cria uma associação humanitária para ajudar e acolher pais que perderam seus filhos da mesma forma que ele. O projeto Conexão também funciona como um fator de proteção. Fernandes [et.al] diz que fatores de proteção referem-se a características individuais e do entorno que potencializam o enfrentamento das adversidades. Ele considera fatores de proteção: poder contar com a ajuda de pelo menos uma pessoa (ou instituição, com várias pessoas) que possa desempenhar o papel de figura de apego seguro; ter habilidade de efetivamente pedir ajuda, confiar em suas percepções ainda que dissidentes; desenvolver talentos que tragam prazer e um senso de competência; saber planejar mais do que agir por impulso; ter bom maneja de fronteiras de contato; responsabilizar-se por si mesmo e pelas próprias ações; fazer um bom uso dos mecanismos de defesa; tolerância a frustração; boa auto-estima; crenças positivas em relação ávida; ter metas.

Observamos que a aplicação desse conceito tem se dado através do Conexão, sob diversos enfoques. Assim, mais do que promover resiliência, o projeto propicia o desenvolvimento da mesma nesses jovens. Podendo contar com o suporte de pelo menos um profissional (pessoa) e/ou auto-suporte, o jovem transcende o problema, mergulha em si mesmo e na relação que estabelece em seu entorno, contatando e integrando, então, uma nova potencialidade de seu processo de existir. Assim, não só enfrenta a adversidade como se transforma e cresce a partir dela.

### **3. Casos de sucesso**

Há vários casos de sucesso como o de Rosicler dos S. Silva, moradora da Rocinha/RJ que passou por toda a metodologia e foi encaminhada para trabalhar como operadora de caixa de um restaurante e em alguns meses, com esforço e dedicação, tornou-se gerente. Também se destaca Paulo César da Cruz, morador de Guarulhos/SP que ainda está no mesmo emprego que conseguiu através do projeto, conseguindo muitas promoções, pois começou como auxiliar de serviços gerais e atualmente é assistente administrativo. Adalberto dos Santos, morador do Morro da Providência foi o primeiro candidato encaminhado pelo Conexão. Ele não tinha qualquer qualificação e foi encaminhado para uma vaga que não

exigia experiência como auxiliar de áudio e vídeo e se interessou muito pela função. Hoje ele se especializou, é técnico de áudio-visual, fez cursos na área, pensa em fazer faculdade de Informática e trabalha numa famosa rede de hotéis. Muitos superaram as dificuldades e uma parcela considerável desses jovens continua insistindo, apesar de todas as adversidades. Buscando aprender mais, estudando ou fazendo cursos profissionalizantes para conseguirem um emprego ou para serem promovidos e manter a empregabilidade. Ter algo pelo que resistir é o que faz a diferença para esses jovens. Os que continuam têm inúmeros motivos para seguirem em frente. Filhos, cônjuges, familiares doentes e dependentes, perdas, pobreza. Alguns afirmam que por uma questão de honra devem ir em frente porque um trabalho honesto e formal é muito importante para eles. Em especial, conhecemos Maria Eva, moradora de Fragoso em Magé/RJ. Ela morava em uma comunidade muito violenta em Manguinhos e sempre foi dona de casa. Mãe de dois filhos, de repente viu-se sozinha e abandonada pelo marido, alcoólatra, que saiu para o bar numa noite e nunca mais voltou. Soube mais tarde que ele havia "se casado" com uma moça bem mais jovem que ela. Da noite para o dia, Evinha, como é conhecida, teve de sustentar a família e não tinha qualquer qualificação profissional e por isso se submetia a empregos domésticos mal remunerados. Quando havia se estabilizado, veio um golpe que praticamente acabou com sua vida: seu filho mais velho foi assassinado pela polícia com a alegação de que pertencia ao tráfico de drogas e estava em atitude suspeita, e armado quando foi alvejado. Evinha afirma até hoje que seu filho era um jovem estudante e trabalhador, mas não conseguiu provar isso diante da justiça.

Amargurada, sofrida e sentindo-se injustiçada, mudou-se para Magé, para ficar o mais longe possível de onde seu filho havia morrido. Dotada de uma enorme fé (é evangélica praticante), levantou a cabeça e passou a ajudar famílias em situação parecida com a dela e a buscar emprego incessantemente. Foi quando conheceu o projeto Conexão e abraçou a causa. Fez todo o processo de ingresso como todos os jovens, apesar dos 49 anos de idade. Buscou uma vaga em empresas, passou por algumas, sem se adaptar em função da baixa escolaridade, sendo demitida várias vezes. Por morar muito distante do centro da cidade, não tinha o dinheiro da passagem e pedia nas ruas para poder ir aos processos seletivos. Passava horas sem se alimentar e por diversas vezes quase desmaiou de fome. A idade e a baixa escolaridade eram empecilhos para conseguir um emprego decente. Sua casa por várias vezes foi invadida por águas da chuva e perdeu o pouco que tinha. E ainda assim, foi resiliente e não desistiu.

"Eu não podia desistir de lutar, tinha uma filha pequena para sustentar" – disse ela. Sem conseguir emprego formal, passou a realizar trabalhos domésticos como diarista. Engajou-se em projetos sociais que apoiavam e amparavam famílias que tinha passado pelo mesmo que ela, a buscar empregos para jovens de comunidade e engajou-se em lutas contra injustiças como a que ocorrera a seu filho. Conheceu pessoas que estavam dispostas a ajudá-la e de "cabeça erguida" seguiu em frente.

Hoje, Evinha é conhecida dos projetos sociais e do Governo do Estado do Rio de Janeiro. Está concluindo o ensino médio e vai ingressar numa faculdade de serviço social.

Conseguiu um bom emprego, de onde tira o sustento da família, paga as contas, mantém a filha numa boa escola e ainda ajuda aos que precisam dela. É uma pessoa muito bem humorada e em nada aparenta todo o sofrimento pelo qual passou. Está sempre disposta a ajudar e se não consegue, busca em outros lugares e em pessoas essa ajuda. É bem articulada, conhece muita gente influente, mas não se beneficia disto. O que ela realmente quer é "ajudar a quem precisa, porque um dia eu precisei e tive ajuda. Agora, estou no

mundo para retribuir tudo o que Deus me deu."

## **Conclusão**

Conhecemos, através do Conexão, verdadeiros exemplos de resiliência onde indivíduos passam de vítimas a condutores de seu próprio destino. Entendemos resiliência como um processo dinâmico de adaptação positiva às adversidades significantes em que ocorre a ativação de recursos internos que anteriormente o indivíduo sequer tinha consciência de possuir. Além disso, Barlach (2005) chama de reconfiguração interna a ação de modificar a percepção e a atitude diante da vivência de certos conflitos. Sendo assim, concluímos que resiliência é uma condição interna que só se observa através de seus efeitos, transcendendo os limites de uma mera adaptação, não uma adaptação no sentido conformista, mas no sentido de movimento, de busca de bem-estar e de melhor qualidade de vida. Todos nós vivemos dificuldades e crises, no entanto procuramos solucionar nossos problemas da melhor maneira possível, de acordo com nossa percepção e com o sentido que damos a eles. Esses processos de resiliência fazem parte da nossa condição humana e estão ao longo do nosso dia a dia e em todos os ciclos da nossa vida. Porém é preciso ressaltar, como já dito anteriormente, que o termo hoje em dia é usado quase como sinônimo de flexibilidade e não de invulnerabilidade, onde esta última dá uma idéia de não transpor o problema e sim de resistir ao mesmo, o que nem sempre acontece quando se trata de seres humanos.

A intenção deste trabalho foi a de mostrar justamente estas condutas e práticas na realidade e utilizamos então as vivências relatadas no Projeto Conexão. Após a investigação dos dados estatísticos e da leitura sobre o assunto, unimos conceitos de diversos autores sobre Resiliência na tentativa de esclarecer como e porque eram encontradas determinadas posturas no Projeto Conexão de pessoas cujas vidas já estavam pré-determinadas por uma conjuntura árdua e dificilmente transponível.

Todos os dias cruzam em nossos caminhos pessoas assim como as que vimos no Projeto Conexão, ou seja, seres humanos que lutam por sobrevivência e que tentam se destacar dos demais dentro de suas possibilidades psíquicas e materiais, porém somos muitas vezes incapazes de perceber as diferenças de uns perante outros e quando as identificamos deixamos de ressaltá-las. O Projeto mencionado anteriormente fornece recursos para que todos tenham a mesma oportunidade, porém a indagação feita durante todo o trabalho foi a de por que alguns se destacam mais que outros, e ainda, superam de forma incrível até mesmo as expectativas do programa indo além da conquista de um emprego, adquirindo assim novamente a dignidade humana, a crença em si mesmo e visualizando seus potenciais que um dia ficaram inertes perante seus medos e frustrações durante suas histórias de vida. Mostraram que de fato são vulneráveis e flexíveis mediante a pobreza, a desilusão, a baixa escolaridade (como no caso de Evinha) e inúmeras fronteiras na tentativa do ingresso no mercado de trabalho. Por fim, é de suma importância esclarecer que visualizamos a pobreza como sendo um tipo de ameaça constante, que aumenta a vulnerabilidade, haja vista as restrições alimentares, as limitações materiais, a proximidade com doenças e a desvantagem educacional. Porém, ressaltamos que a mesma não deve ser critério para restringir o grupo de pessoas consideradas resilientes.



## Referências

- BARLACH, L. O que é resiliência? Uma contribuição para a construção do conceito. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2005
- CYRULNIK, B. Os patinhos feios. São Paulo: Martins Fontes, 2004
- \_\_\_\_\_. Os alimentos afetivos: O amor que nos cura. São Paulo: Martins Fontes, 2007
- \_\_\_\_\_. Resiliência: Essa inaudita capacidade de construção humana. São Paulo: Instituto Piaget, 2003
- \_\_\_\_\_. De corpo e alma. São Paulo: Martins Fontes, 2009
- FERNANDES, M.B. [et.al.]. Figuras de apego: Matriz dos vínculos afetivos. Revista de Gestalt, p.17-23, São Paulo, 2000
- IHUON-LINE. São Leopoldo. Pilares da superação: elo, sentido e lei simbólica. Entrevista com Jacques Lecomte, 29/10/2007. Edição 241. ISSN 1981-8793
- KRUPPA, S.M.P. Sociologia da Educação. São Paulo: Cortez, 1994
- LUTHAR, S.S. Vulnerability and resilience: a study of high risk adolescents. Child Development, 62, p. 600-616. 2000
- RUTTER, M. Resilience in the face of adversity: protective factors and resistance to psychiatric disorder. British Journal of Psychiatry, 147, 598-611.
- YUNES, M.A.M. Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. Maringá, Universidade Estadual de Maringá, Psicologia em Estudo, v. 8, número especial, p. 75-84, 2003